

CIÊNCIA

Lista de prioridades exclui a Amazônia

MARCELO LEITE
especial para a Folha

Da próxima vez que você descer a serra do Mar para ir à praia, mostre a floresta para seus filhos. Pode ser uma das últimas gerações a testemunhar a mata atlântica, que figura entre os oito santuários de biodiversidade mais ameaçados do mundo.

Essas oito regiões compõem o topo da lista de 25 "hotspots" (pontos quentes) divulgada hoje

na revista "Nature", que inclui ainda o cerrado. Estima-se que as 25 áreas concentrem 44% das espécies de plantas e 35% dos vertebrados, embora ocupem somente 1,4% da superfície terrestre.

A conjunção de "biodiversidade" e "devastação" sempre traz à mente a Amazônia, mas ela não consta da relação de Norman Myers, 65, da Universidade de Oxford (Reino Unido). "É lamentável que o interesse do público pareça estar confinado à floresta

amazônica, quando há um número enorme de espécies ameaçadas na mata atlântica", diz.

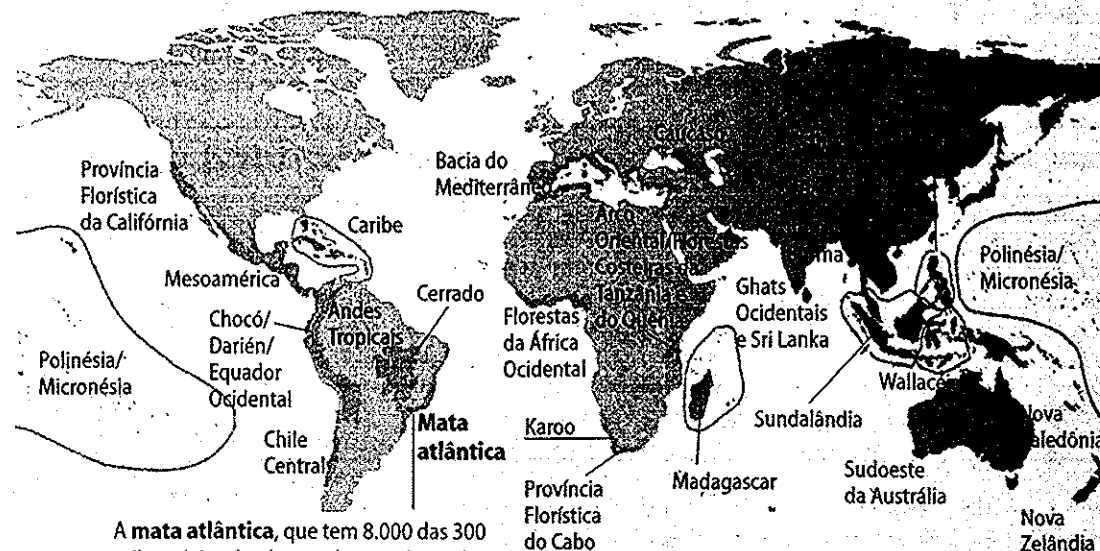
Outro autor do estudo na "Nature" é o brasileiro Gustavo da Fonseca, 43. Ele também justifica a omissão da Amazônia: "É justamente aí que se situa a relevância da estratégia dos 'hotspots' para mobilizar recursos e ações para esses dois biomas altamente ameaçados, cenários prováveis da extinção em massa de espécies nas próximas décadas".

Editoria de Arte/Folha Imagem

Veja onde ficam os 25 redutos de biodiversidade

Metade a um terço das espécies ameaçadas se concentram em 1,4% da superfície terrestre

■ Áreas prioritárias para conservação



A mata atlântica, que tem 8.000 das 300 mil espécies de plantas do mundo, está entre os oito "hotspots" mais ameaçados

Fonte: "Nature"

Class. _____
 Data 24/2/2000 Pg 1-20
 fsl
 Documentação

Pesquisador critica visão tradicional do estudo

especial para a Folha

Para João Paulo Ribeiro Capobianco, 43, da ONG Instituto Socioambiental (ISA), de São Paulo, e pesquisador da Unicamp, o estudo publicado na "Nature" constitui um bom refinamento de dados sobre espécies. Peca, porém, pela visão ultrapassada de conservacionismo.

Capobianco descreve sua opinião sobre o trabalho de Norman Myers e Gustavo Fonseca como "discordância respeitosa". A divergência, que poderia ser descrita como "conservacionistas X sociais", tem aflorado em seminários do governo brasileiro para estabelecer áreas prioritárias de biodiversidade.

O ambientalista do ISA acha injustificável a exclusão da Amazônia da lista de prioridades. Diz que a maior área de floresta tropical do Brasil tem seus próprios "hotspots", como o norte do Mato Grosso: "Localmente há muitos pontos que são obviamente 'hotspots', mesmo dentro dos critérios deles", diz. "Os grandes biomas brasileiros não são contínuos, uniformes, mas mosaicos."

O equívoco da visão mais clássica seria reduzir tudo a uma questão de recursos para criar parques e unidades de conservação. Isso não diminui a pressão antrópica (atividade econômica) sobre o ambiente. Protegem-se algumas espécies aqui, e outras passam a ser ameaçadas ali.

"Esse tipo de levantamento parte do pressuposto de que a conservação exige recursos, quando ela depende de políticas de desenvolvimento, da gestão integrada de recursos naturais", diz Capobianco. Ou seja, alternativas econômicas sustentáveis para a população que pressiona as espécies.

US\$ 500 milhões

A pesquisa de Myers e Fonseca empregou dois critérios principais para compor sua lista de 25 "hotspots": a área deveria concentrar pelo menos 1.500 espécies de plantas, ou 0,5% do total mundial, como endêmicas (ou seja, teriam de existir só naquele lugar), e ter perdido pelo menos 70% de sua cobertura original.

A mata atlântica abriga 8.000 espécies vegetais superiores e já perdeu 92,5% de sua vegetação primária. No caso do cerrado, seriam 10 mil espécies e 80% de destruição. A mata atlântica entrou no grupo restrito dos oito pontos "superquentes" (veja mapa acima) por causa do grau elevado de ameaça e de endemismo.

As 25 áreas escolhidas no mundo abrangem 2,1 milhões de quilômetros quadrados (o equivalente a um quarto do território brasileiro). Destes, 38% já se encontram protegidos como parques ou reservas. Para o 1,3 milhão de quilômetros quadrados desprotegidos, o grupo propõe criar um "fundo de salvamento".

A idéia é garantir US\$ 20 milhões por "hotspot" por ano, ou US\$ 500 milhões. A cifra é comparada com a missão espacial Mars Pathfinder —segundo Myers, custaria pouco mais do dobro— e com uma estimativa do que se gasta no mundo com subsídios à atividade econômica destrutiva ou insustentável (US\$ 1,5 trilhão).

(ML)

▲